Discurso de Saudação a Joaryvar Macedo (*)

Geraldo da Silva Nobre

Instante solene é este, em que nos reunimos, os Sócios do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), para recepcionarmos um novo companheiro e a luzida assistência de convidados especiais, para testemunhar e, conosco, festejar tão grato acontecimento.

Ainda ecoam as festividades comemorativas do centenário desta entidade — a mais provecta e frutuosa do Ceará, marcadas, principalmente, pela inauguração do Auditório Tomás Pompeu Sobrinho e pela realização de um bem sucedido Simpósio Nacional de História, Geografia e Antropologia, manifestações inequívocas da capacidade empreendedora e da mentalidade renovadora do nosso insigne Presidente Professor Dr. Antônio Martins Filho, e, mais uma vez, nos congraçamos em um momento feliz e deveras significativo.

Outro seria o orador, por muitas razões, não fosse a magnanimidade dos ilustres Consócios em conferir-me as honras de um elogio acadêmico, para o qual me julgo, dentre todos, o menos apto, tais as suas qualificações intelectuais e o lastro cultural que possuem nas proporções reclamadas em semelhantes oportunidades de convívio acadêmico.

Quanto a mim, valho-me sempre da experiência do magistério, adquirida em quarenta anos a serviço de novas gerações, já muito distanciadas, no tempo, daquelas embevecidas pela poesia declamatória e pelo discurso verborrágico de

(*) Proferido na Solenidade de Posse, aos 22 02.88.

tribunos espaventosos, herança da fase de decadência do Renascimento, com os seus preciosismos ridículos.

Agora, prevalece o discurso conciso e sóbrio, que não é voz de comando a galvanizar a tropa levando-a ao sacrifício, nem homília de orador sacro a concitar à única doutrina admitida como verdadeira a multidão passiva, muito menos lição de mestre, ditada de uma cátedra, soberanamente. A palavra não deve servir para conformar a inteligência, mas para confirmá-la, isto é, para que as faculdades do homem se projetem na conformidade tão-somente do direito de perquirir, expressar e manter a verdade como fundamento de uma existência digna e responsável.

Conciso e sóbrio procurarei ser, por conseguinte, de modo a poder contar com a indulgência da seleta assistência diante da falta de brilho do meu discurso, que, escoimado de artifícios retóricos, cansaria progressivamente os ouvintes a partir do undécimo minuto.

A Grande Seca de 1877-1879 foi responsável pelo fracasso da primeira tentativa de fundação do Instituto do Ceará, que, aprovado o seu estatuto e eleita a primeira diretoria, à frente o Desembargador Silvério Fernandes de Araújo Jorge, que, anteriormente, fundara e presidira o congênere de Alagoas, deixou de se reunir, desaparecendo no torvelinho da cidade, ao nela se abarracarem cerca de cem mil retirantes do sertão, multiplicando por cinco o número de habitantes àquele tempo.

Em 4 de março de 1887, inaugurou a sua existência o atual Instituto, entidade agora secular, cuja continuidade se pode comprovar pela publicação anual de sua *Revista,* sem nenhuma falha, não obstante as dificuldades enfrentadas, quase insuperáveis, mas vencidas galhardamente pela pertinácia do Quadro Social a princípio muito restrito, espécie de apostolado científico, ou de nobreza intelectual, pois igual, em número, aos apóstolos do Cristianismo, tanto quanto aos Doze Pares de França da epopéia carolíngia.

Recuando-se ainda mais no tempo, vem à lembrança que o povo de Abraão foi dividido em uma dúzia de tribos, mas sua unidade ficou prejudicada com a criação dos Reinos de Israel e de Judá, diferindo, neste ponto, o quadro social do Instituto, pois, se discussões temáticas nele se processaram, continuou uno, pela preocupação exclusiva de concretizar os seus objetivos, de estudos e pesquisas, a serviço dos cearenses e dos brasileiros em geral.

As realizações do Instituto estimularam outros estudiosos, aparecendo o Ceará como um dos Estados onde mais desenvolvimento registram, nos últimos cem anos, os referidos estudos e pesquisas, levando, forçosamente, à ampliação do quadro social, de doze para dezoito, em seguida para trinta e, finalmente, para quarenta Sócios Efetivos.

Ao completar o primeiro século de existência o Instituto já elegera o 107º integrante do referido quadro numerário, o que significa um número expressivo de intelectuais dedicados, no Ceará, já em 1887 e, posteriormente, à tarefa de tornar melhor conhecida a História e a Cultura do povo cearense, sem esquecer a Geografia, indispensável à boa compreensão desse tipo de conhecimento.

Com poucas exceções, foram verdadeiros luminares, que, se não têm os seus nomes reputados no Brasil e no exterior como tal, deve-se, tão-somente, a circunstâncias alheias ao seu valor, notadamente à divulgação dos trabalhos produzidos.

Na verdade, nenhuma discriminação é tão evidente, no Brasil, quanto a que sofrem os intelectuais ditos, desdenhosamente, de província, e, o que mais se lamenta, por parte até dos conterrâneos, menosprezados, quando não ignorados, quando se trata de adquirir um livro, de escolher um conferencista, de selecionar colaboradores de jornais etc.

O quadro social do Instituto do Ceará oferece, no entanto, a comprovação do valor da intelectualidade cearense, no trabalho meritório de ampliar o conhecimento histórico, geográfico e antropológico, em grau superior ao verificado na maioria dos outros Estados brasileiros. Será injusto fazer a citação de alguns nomes apenas, porém, dentre os já falecidos, avultam o Desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, o Dr. Barão Guilherme Studart, Antônio Bezerra de Menezes, João Batista Perdigão de Oliveira, Tomás Pompeu de Sousa Brasil e Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, Carlos Studart Filho, Valdemar Cromwell do Rego Falcão, José Pedro Soares Bulcão, Leonardo Ferreira da Mota, Dolor Uchoa Barreira, Joaquim Alves de Oliveira, Francisco Dias da Rocha, Raimundo Renato de Almeida Braga, José Bonifácio de Sousa, Antônio Martins de Aguiar e Silva, Guilherme de Sousa Pinto, Manuel Antônio de Andrade Furtado, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Raimundo Girão e José Aurélio Saraiva Câmara, nenhum dos quais deve ficar excluído de qualquer trabalho honesto e imparcial versando sobre o desenvolvimento intelectual e científico, no Brasil.

Dentre os vivos, pontificam Djacir de Lima Menezes, Antônio Martins Filho e Luís Cavalcante Sucupira, aqui lembrados por integrarem o Instituto do Ceará há quarenta e cinco anos, ou mais, representando a continuidade desta veneranda entidade, onde encontraram, ainda, o último dos Sócios Fundadores a falecer, o Padre Dr. João Augusto da Frota, passado da imortalidade à eternidade em 2 de abril de 1942.

Pertencer a este elenco de valores é algo dignificante, título da maior estimação, que nenhum estudioso recusa, antes aspira obter, para referendação da importância dos seus estudos especializados ou prova de confiança na sua capacidade de empreendê-los, porque o Instituto não é lugar de aposentadoria, nem possui pedestais para neles colocar vultos notáveis como se fossem estátuas de bronze ao invés seres vivos e atuantes, de carne, sangue e nervos, mas uma oficina de trabalho, com uma tarefa que jamais será de todo cumprida e, por enquanto, está apenas em começo.

Dos 107 Sócios Efetivos do primeiro século de existência do Instituto, 67 haviam passado à eternidade antes de 4 de março de 1987, e mais um se ausentou para sempre, enlutando esta Casa em meio às comemorações do centenário. Faleceu o General-de-Divisão Raimundo Teles Pinheiro, que aqui esteve presente, com exemplar assiduidade, desde a data de sua posse, em 4 de julho de 1974, deixado um exemplo de amor à Pátria brasileira, ao Estado do Ceará e ao seu tão querido e sempre exaltado rincão caririense.

Vindo de uma bem sucedida carreira militar, acrisolara, no Exército, as virtudes cívicas e, naturalmente, a genuína mentalidade democrática ao contato com a mocidade da Escola Preparatória de Fortaleza, cujo comando exerceu. Não se considerava um intelectual e dizia ter concorrido ao Instituto para aprender. Agiu de conformidade com esse pensamento e entregou-se com afinco aos estudos da História Militar e da Regional, o que lhe permitiu deixar impressos vários trabalhos, que mereceram elogios de pessoas insuspeitas de intenções louvaminheiras.

Ao seu sucessor caberá traçar-lhe o perfil, porém, presto-lhe aqui a minha homenagem, à memória de quem timbrava em ser amigo, não apenas com o convencional aperto de mãos, porém, com uma espontaneidade cativante e um interesse incomum ao ponto de buscar ligações de parentesco, fáceis de encontrar, aliás, em um povo, como o cearense,

cuja formação se caracterizou pela mobilidade típica do pastoreio.

Jamais reivindicou o General Teles Pinheiro alguma posição de relevo ao Instituto, sua preocupação foi, tão-somente, a de ter assento de onde pudesse acompanhar atentamente a direção dos trabalhos das reuniões, para, na ocasião certa, fazer pronunciamentos, muitos dos quais esclarecendo fatos relativos à vida do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, o insigne soldado-estadista nascido no Ceará, a quem muito admirava.

Falecido aos 77 anos de idade, estava em condições, ainda, de oferecer ao Instituto, ao Ceará e ao Brasil o concurso de sua inteligência, tendo o seu falecimento deixado um vácuo dificilmente preenchível, sobretudo pela inteireza do caráter e pela conseqüênte honestidade de propósitos, atributos hoje bastante raros até mesmo — e talvez principalmente, no meio intelectual, por fatores, ou motivos, que não devem ser analisados neste momento, quando o objetivo único é ressaltar a personalidade marcante do saudoso consócio General Teles Pinheiro.

A provar que o Ceará é uma terra prodigiosa, a que não faltam vicissitudes mas não escasseiam valores, bastante numerosos seriam os estudiosos em condições de concorrer à vaga no quadro de sócios efetivos deste Instituto. Afinal, Fortaleza é, hoje, uma cidade universitária, com atividade crescente nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão, embora ainda distante da observância da palavra de ordem sabiamente adotada pelo primeiro Reitor da Universidade (Federal) do Ceará, Professor Antônio Martins Filho: o Universal pelo Regional.

Na sondagem preliminar para a apresentação de nomes que concorressem ao preenchimento da vaga por falecimento do General Teles Pinheiro, um obteve, de pronto, a unanimidade das opiniões dos Sócios Efetivos — o do Professor Joaquim Lobo de Macedo, conhecido, literariamente, pelo pseudônimo de Joaryvar Macedo.

Exprimir, em nome da Diretoria do Instituto e de todos os Sócios Efetivos, o contentamento em recebê-lo neste convívio, após eleito, sem nenhum voto discrepante, na sessão de 20 de janeiro deste ano de 1988, é a honrosa tarefa de que estou incumbido.

Salientarei, de início, que a eleição de Joaryvar Macedo não decorreu do reconhecimento dos serviços por ele prestados ao Instituto, apesar de muitos e importantes.

Como um de seus auxiliares na Secretaria de Cultura e Desporto, fui testemunha dos seus passos no encaminhamento dos interesses do Instituto junto aos órgãos governamentais. Acompanhou ele ao Presidente Martins Filho nas audiências com o Governador do Estado e com os Secretários do Planejamento e da Fazenda, assegurando a concessão e liberação de recursos financeiros indispensáveis a esta Casa, particularmente à construção deste Auditório.

Em várias outras ocasiões, deslocou-se o Secretário de Cultura e Desporto ao Departamento da Imprensa Oficial, a fim de tratar de assuntos pertinentes a publicações da responsabilidade do Instituto do Ceará.

Posso esclarecer que, no entento, não se tratava de um procedimento privilegiando este Instituto, mas de uma norma de comportamento adotada no exercício das funções de Secretário e refletindo a prestimosidade para com todos, atributo marcante da personalidade do novo consócio.

Sua participação na administração estadual verificou-se em um dos períodos mais críticos que o povo cearense já viveu, no qual às seqüelas da seca qüinqüenal de 1979-1983 se juntaram os efeitos desastrosos para a economia brasileira da majoração do preço do petróleo e do arrojo das realizações do Governo Federal, financiadas com empréstimos contraídos no exterior.

Ademais, foi aquela uma fase de mudança política, em que esteve engajado o Chefe do Executivo cearense, escapatória, talvez, para as dificuldades administrativas, realmente insuperáveis.

Apesar de tudo, o Professor Joaryvar Macedo foi um Secretário bem intencionado e ágil, que procurou atender, na medida do possível, às solicitações dos intelectuais e de suas entidades representativas.

O fato de ter sido um dos raros Secretários de Estado mantidos no cargo até a conclsuão do período administrativo demonstra o reconhecimento da objetividade do Professor Joaryvar Macedo pelo Governador Luís Gonzaga da Fonseca Mota, não obstante as pressões feitas sobre esse por setores empenhados no controle das atividades culturais.

Não prevaleceram, à falta de fundamento, as increpações levianas e a admiração e o respeito de que se vê cercado o ex-Secretário de Cultura e Desporto do Estado é o reconhecimento de sua atuação equilibrada e sensata, à frente da Secretaria.

Na verdade, quando ele assumira o cargo, em março de 1983, nenhuma experiência da administração pública lhe servira de base para o exercício das funções respectivas, a não ser as ligadas ao magistério. Possuía, no entanto, uma sólida formação, adquirida como aplicado aluno do curso de Filosofia do Seminário Arquiepiscopal de Olinda e Recife, graduado, com licenciatura plena, pela Faculdade de Filosofia do Crato, e especializado, ao nível da pós-graduação, pela Faculdade de Educação da Universidade Católica de Salvador, na Bahia.

Antes de completar os vinte anos, iniciara a atividade no magistério, lecionando Língua Portuguesa e Doutrina Social da Igreja no Colégio Padre Félix, da capital pernambucana, e nela prosseguira, como professor do Seminário Diocesano de Cajazeiras, no Estado da Paraíba. Tendo regressado ao Ceará, lecionou na Escola Normal e no Colégio Agrícola de Lavras da Mangabeira, Município onde nascera em 20 de maio de 1937, para, em seguida, se transferir para o Crato, a fim de cursar a Faculdade de Filosofia, tendo passado a ministrar aulas no Seminário Diocesano, na Escola Técnica de Comércio e no Colégio Estadual Wilson Gonçalves, daquela cidade caririense, e, em Juazeiro do Norte, no Ginásio São Francisco, no Colégio Menezes Pimentel, no Colégio Salesiano São João Bosco e na Escola do 2º Grau Governador Adauto Bezerra.

Graduado em Letras, em 1968, ingressou no magistério da Faculdade de Filosofia do Crato, como professor de Língua Portuguesa, Filologia Românica e Língua Latina, tendo ocupado a subchefia do respectivo Departamento de Línguas e Literaturas e a vice-diretoria do Centro de Estudos Portugueses.

No Colégio Menezes Pimentel, de Juazeiro do Norte, desempenhara a vice-diretoria do estabelecimento.

A pouca experiência administrativa foi por ele bem aproveitada, como provou na passagem pela Secretaria de Cultura e Desporto, o que tem uma explicação em sua inteligência, bastante versátil para lecionar disciplinas tão diferentes, como Ciências Físicas e Biológicas, Noções de Economia e Administração, Sociologia, Desenho Técnico e Instalações Rurais, além das já mencionadas, da Língua Francesa e, notadamente, da História Geral.

Foi lecionando essa última disciplina, no Colégio Diocesano do Crato, que se aproximou do Padre Antônio Gomes de Araújo, o renomado pesquisador da documentação sobre o

Cariri, infelizmente impedido, por motivo de enfermidade, a continuar tão meritório trabalho, prosseguido, com igual eficiência, pelo Professor Joaryvar Macedo.

Com dedicação ímpar, apareceu ele, desde logo, como propugnador das atividades culturais, projetando-se, de início, no Instituto Cultural do Cariri, cuja vice-presidência ocupou, e também, a do Instituto Genealógico do Cariri. Na Faculdade de Filosofia do Crato dirigiu a Associação de Cultura Romana Antiga — ACRA, porém, sua maior projeção decorreu das atividades empreendidas à frente do Instituto Cultural do Vale Caririense, que fundou, na cidade de Juazeiro do Norte, onde também exerceu, na Seção local da União Brasileira dos Trovadores, a vice-presidência de Cultura.

Sua atividade impressionou vivamente o Dr. Mauro Castelo Branco Sampaio, que foi prefeito norte-juazeirense, Secretário de Planejamento do Governo do Estado e, por último, Deputado Federal, responsável pela indicação do Professor Joaryvar Macedo para a Secretaria de Cultura e Desporto.

Mas, a projeção cultural do novo Sócio Efetivo do Instituto do Ceará ultrapassara, já, as fronteiras do Ceará, como se verificará da relação das Associações culturais, literárias e científicas a que pertence, constante do seu *curriculum vitae.*

Ressalte-se, antes, sua vasta bibliografia, iniciada em 1871 com uma *Apresentação de Fagundes Varela,* trabalho de interpretação da criação literária do poeta fluminense em epígrafe, e o estudo genealógico sobre *Os Augustos.*

Até agora, referida bibliografia consta de vinte e cinco títulos, avultando, porém, a mencionada contribuição à genealogia, e, de 1976, a *Estirpe de Santa Teresa*, volume de mais de 1.200 páginas.

Com esses importantes trabalhos, o Professor Joaryvar Macedo, membro fundador e efetivo do Instituto Genealógico do Cariri, fez jus aos títulos de membro honorário da Academia Internacional de Heráldica e Genealogia, efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro e correspondente do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica.

Igualmente importantes são os trabalhos de divulgação da pesquisa em continuação à do Padre Antônio Gomes de Araújo, sobre *Povoamento e Povoadores do Cariri Cearense,* título do volume publicado em 1985, reunido os divulgados anteriormente sobre esse tema.

Monografias históricas do Professor Joaryvar Macedo são, também, *Templos, Engenhos, Fazendas; Sítios e Lugares: Origens da Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira — Dos pri-*

mórdios à vila, São Vicente das Lavras e Temas Históricos Regionais, esta a mais recente, aparecida em 1986.

Informações biográficas foram recolhidas por ele em vários outros trabalhos dados à impressão, e que deixo de mencionar, pelas limitações deste discurso.

O que se mencionou é suficiente para se reconhecer Joaryvar Macedo como um dos mais importantes historiadores cearenses da atualidade, conforme, aliás, admitira o Instituto do Ceará, ao conferir-lhe, anteriormente, o título de Sócio Correspondente, aprovando proposta, devidamente justificada, de que fui um dos signatários.

Tem ele idêntico título concedido pelos Institutos Históricos e Geográficos Paraibano, do Piauí e de Alagoas, de Niterói, no Rio de Janeiro, de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, e de Uruguaiana e de Jaguarão, no distante Rio Grande do Sul.

Ademais, é membro honorário do Instituto Argentino de Cultura Histórica, de Buenos Aires, e do Museu Jaquaribano, de Aracati, do qual fui um dos fundadores, com o Dr. Hélio Ideburque Carneiro Leal.

Quanto aos estudos literários, valeram ao Professor Joaryvar Macedo a eleição para a Academia Cearense de Letras na categoria de Sócio Efetivo, para a Academia Piauiense de Letras, na de correspondente, e para a Academia Goianiense de Letras, na de Honorário.

É, ademais, titular da Academia Piracicabana de Letras, tendo como patrono de sua cadeira o Professor Antônio Martins Filho, e da Academia Elodradense de Letras, ambas de São Paulo.

Também integra o quadro de correspondentes da Academia Sobralense de Estudos e Letras, de Sobral, neste Estado.

Os estudos de antropologia cultural têm constituído outra preocupação do Professor Joaryvar Macedo, autor de *Pedro Bandeira, Príncipe dos Poetas Populares,* editado em 1976, e de trabalhos esparsos em jornais e revistas, com repercussão também nacional, pois é Membro Correspondente do Centro de Folclore de Piracicaba, em São Paulo, além de integrar, em caráter efetivo, a Comissão Cearense de Folclore, assim como a Ordem Brasileira da Literatura dos Poetas de Cordel.

A Academia Internacional de Ciências Humanísticas outorgou-lhe o título de Sócio Honorário, o mesmo verificando-se por parte da Academia de Ciências Humanísticas e Relações da República Dominicana. De sua parte, a Agrupación

Clasicista de Artes y Letras de Madrid, da Espanha, lhe conferiu a distinção de Membro Correspondente, e, o Centro Cultural, Literário e Artístico de Felgueiras, Portugal, a de Benemérito e Honorário.

A Sociedade de Cultura Latina, de São Paulo, o incluiu no elenco dos Sócios Fundadores, e a Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras, de Goiás, na de Correspondente, título recebido, igualmente, da Academia de Letras e Artes de Paracambi e do Ateneu Angrense de Letras e Artes, entidades ambas do Estado do Rio de Janeiro. Da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, sediada na Capital pernambucana, teve a distinção de ser proposto e aceito Membro Efetivo.

É titular da Academia de Letras Municipais do Brasil, sediada em São Paulo, Correspondente da Academia Castro Alves, da Bahia, e honorário da Academia Antero de Quental, de Fortaleza.

Tem diplomas de Membro Honorário da Orden Argentino-Peruana, do Clube Muse de Karukera, da Guiana Francesa, e da Universitá Internazionale Sveva "Federico II" de Bérgamo, Itália, as Comendas da Cruz de João Ramalho e da Ordem do Mérito e Cavaleiresca de Santo Amaro, ambas de São Paulo, como também a Medalha Cultural Silva Leme e o diploma de Loúvor ao Mérito, do Conselho Municipal de Cultura de Olímpia, daquele Estado.

Além dessas, recebeu outras distinções, notadamente o Diploma de Líder de la Pecha Simbolo de la Comición Permanente Honorária Pro 20 de julio, da República Argentina.

A União Brasileira de Escritores, sediada em São Paulo, e da qual foi Presidente o cearense Caio Porfírio Carneiro, Licenciado em História e Geografia pela antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, na turma de 1953, da qual fiz parte, igualmente concedeu ao Professor Joaryvar Macedo o diploma de associado.

Figurou ele entre os contemplados com a Medalha Comemorativa do Centenário deste Instituto.

Por sua grande contribuição ao desenvolvimento cultural de Juazeiro do Norte, a Prefeitura e a Câmara daquele progressista Município do sul do Estado concederam-lhe o título sumamente honroso de Cidadão Juazeirense.

Abstendo-me de outras menções para evitar a prolixidade,

Tenho dado ao novo consócio o tratamento de Professor, porque, na minha opinião, nenhum o sobrepuja em significação. A Jesus Cristo chama-se O Divino Mestre.

Diz-se, também, que a História é a mestra da vida, o repositório de toda a experiência humana, de êxitos e fracassos, de vitórias e derrotas, de heroísmo e felonia, do gozo e sacrifício, enfim, do bem e do mal.

Assim dito, a História parece uma seqüência de lições, para a qual se tem procurado uma explicação.

Primeiro, arrimaram-se os historiadores no providencialismo, admitindo um plano de acordo com o qual toda a evolução social e cultural, política e administrativa estaria predeterminada, fundindo passado, presente e futuro em uma perspectiva de eternidade.

O desenvolvimento científico levou, em seguida, ao mecanicismo, e a História passou a ser vista como simples relação de causa e efeito.

Mais recentemente, esse mecanicismo descambou no estruturalismo, que pretende ver camadas superpostas na sociedade, em uma análise na verdade superficial dos fatos históricos, como se estes fossem fenômenos, destituídos da complexidade característica das potencialidades dos seres humanos e da interação deles, entre si e com o meio natural e o cultural.

A História não é uma construção do historiador, muito menos do filósofo ou do sociólogo. E nenhum conhecimento distancia-se tanto da Teologia quanto o histórico, porque o conteúdo da História vem do homem, das imperfeições humanas, incompatíveis com a perfeição concebível somente pela Fé em um Ser Supremo e Absoluto, Onisciente e Onipotente.

Leia-se a Bíblia, o Livro Sagrado, e nenhum relato parecerá tão profano quanto o que nela se encontra, em seu conteúdo histórico.

O passado é uma limitação, e assim deve ser compreendido. A evolução processa-se como função vital, por conseguinte, dos seres vivos, sempre limitados.

As lições da História aludem à personagem, em seu tempo e em lugar determinado. A generalidade, ou universalidade, constitui uma tendência, não a essência do histórico.

O historiador verdadeiro rejeita as concepções historicistas, pois, para ele, a realidade está contida nos documentos, zelosamente compulsados, atentamente lidos e criteriosamente interpretados.

Esta, permitam-se lembrar, é a orientação do Instituto, fundado por pesquisadores do quilate do Barão de Studart,

do Desembargador Paulino Nogueira, de Antônio Bezerra, de Perdigão de Oliveira.

Após eles, outros aqui reconstituiram a História do Ceará, pesquisando-a com afinco.

Será o Professor Joaryvar Macedo um dos que assegurarão a continuidade deste trabalho benemérito, ele cuja vida já está dedicada, em grande parte, à semelhante tarefa.

Muito há o que fazer. Aí está o Plano da História Geral do Ceará, antiga aspiração desta Casa, ora reforçada pelo empenho do Presidente Martins Filho em ambientá-la devidamente para a utilização do seu rico patrimônio, constante de uma importante biblioteca, em que está incorporada a do grande historiador brasileiro, natural do Ceará, Capistrano de Abreu. Também a compõe a do dedicado bibliófilo Eurico Facó, repositório de incunábulos e alfarrábios seculares.

Aqui conserva-se, outrossim, a Coleção Barão de Studart, com milhares de documentos autênticos, ou cópias fiéis dos originais, em grande parte ainda não divulgados, nem conhecidos de historiadores.

Espera o Instituto localizar este acervo, dentro de pouco tempo, em sala climatizada, com as instalações indispensáveis, quer para assegurar-lhe a preservação, quer para organizá-lo sistematicamente, melhor diria, sistemicamente, com o recurso de um computador para facilitar a consulta.

Ilustre e prezado consócio Dr. Joaquim Lobo de Macedo:

— Nós, do Quadro Social do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), lhe damos os votos de boas-vindas.

Se é grande o pesar que sentimos, quando um de nós passa da imortalidade à eternidade, do transitório para o definitivo, do finito para o infinito, nem por isso deixamos de receber com alegria um novo companheiro.

É a renovação. Ela processa-se, na vida social, não como as estações do ano, a intervalos certos, mas como golpes surpreendentes, que imprimem a esta Casa a sua própria História institucional.

Experimentamos uma alegria bem particular tratando-se da pessoa de Vossa Senhoria, a quem nenhum de nós desconhece e são bastante notórias as qualidades que lhe são atributos, geralmente apreciados.

Sentimo-nos fortalecidos em contar com a sua presença, certos de continuar o Instituto na sua trajetória e felizes de ter um companheiro leal, franco e dedicado.

Apesar da simplicidade que lhe é característica, igualmente, sabemos do júbilo proporcionado por este momento de ingresso na mais antiga instituição cultural do Ceará, o nosso centenário Instituto. Todos nós tivemos a felicidade de viver este momento, de suprema satisfação para os nossos projetos de realização intelectual.

Aqui constituímos, mais do que um corpo de estudiosos, uma família, uma fração da nacionalidade, irmanados no ideal de oferecer à Pátria o tributo da nossa inteligência e do nosso trabalho, voltado para as nossas origens, para os nossos grandes vultos, para os fatos marcantes da História, da Geografia e da Antropologia do Brasil, particularmente do Ceará.

Cresce de importância o nosso ideal, na hora atual, de incerteza e de confusão, de pessimismo e de negativismo.

Vem V. Sa. não como um neófito, ou catecúmeno, mas como um devotado e experiente, esclarecido e profícuo, estudioso e pesquisador das origens, de que devemos todos orgulhar-nos, de um povo forte na adversidade e generoso na fortuna.

Está Vossa Senhoria de parabéns, está o Instituto de parabéns, está o Ceará de parabéns.